

AS NOVAS POSIÇÕES-SUJEITO NA CRIAÇÃO CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE A NET ART

LES NOUVELLES POSITIONS-SUJETS DANS LA CRÉATION CONTEMPORAINE: UNE ÉTUDE SUR LE NET ART

Marco Antônio Alves

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Este trabalho pretende investigar em que medida certas práticas artísticas contemporâneas, marcadas pelo caráter fragmentário, cooperativo e aberto, rompem com as noções modernas de “obra” e “autor”. Partindo das reflexões de Michel Foucault e dos estudos de Jean-Paul Fourmentraux, a análise incidirá sobre os processos de subjetivação associados às novas práticas e instrumentos de criação da Net Art, que promovem um deslocamento na moderna função-autor e fazem emergir novas posições-sujeito.

Palavras-chave: Autoria; Subjetivação; Net Art.

RÉSUMÉ

Ce travail vise examiner dans quelle mesure certaines pratiques artistiques contemporaines, marquées par le caractère fragmenté, coopératif et ouvert, rompent avec les notions modernes d' « œuvre » et d' « auteur ». En s'appuyant sur les réflexions de Michel Foucault et sur les études menées par Jean-Paul Fourmentraux, l'analyse portera sur les processus de subjectivation liés aux nouvelles pratiques et aux nouveaux outils de création du Net Art, qui provoquent un déplacement dans la fonction-auteur moderne et font ressortir des nouvelles positions-sujets.

Mots-clés: Auteur ; Subjectivation ; Net Art.

INTRODUÇÃO

Um aspecto bastante visível na arte e na literatura contemporâneas é o fato de elas colocarem em questão algumas noções herdadas da modernidade europeia, como a “obra” e o “autor”. Tais noções, embora tenham sido “naturalizadas” em nossa cultura, estão longe de serem evidentes e estáveis, como bem mostrou Michel Foucault em sua famosa conferência sobre o que é um autor, proferida para a Sociedade Francesa de Filosofia em 1969 (Foucault, 1992). Nas transformações atualmente em curso, propulsionadas especialmente pelo meio digital e pela *internet*, um curioso flerte entre o novo e o velho pode ser identificado. Isso porque a arte contemporânea, em muitas de suas novas experiências, ao afastar-se da tradição moderna, termina por se aproximar de antigas práticas artísticas e intelectuais, recuperando por vezes traços presentes na tradição medieval ou na cultura popular, que foram normalmente marcadas pelo caráter coletivo, fragmentário, cooperativo e aberto.

Neste trabalho, proponho investigar como as novas práticas e instrumentos de criação (em especial as ferramentas digitais e a chamada *Net Art*) ressaltam muitas vezes os aspectos relacionais, interativos e colaborativos, provocando um deslocamento na moderna função-autor e fazendo emergir novas posições-sujeito. Para conduzir essa investigação, propõe-se inicialmente colocar em questão os processos de subjetivação associados aos novos modos de existência dos discursos, partindo das reflexões de Foucault. E em um segundo momento, tomando por base os estudos desenvolvidos na área de estética e cultura digital por Jean-Paul Fourmentraux, pretende-se indicar como diversos novos artistas ou criadores da *Net Art*, mais do que “autores” de “obras”, assumem novas posições e funções.

CRIAÇÃO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: ALÉM DO “AUTOR” E DA “OBRA”

O que é um autor? Ao fazer essa pergunta em 1969, Michel Foucault coloca em questão algo aparentemente evidente e natural em nossa cultura desde a modernidade. Tendemos a responder simplesmente: “ora, o autor é o autor, é o criador de uma obra”. Mas essa suposta naturalidade começa a desvanecer-se tão logo aprofundamos um pouco a questão. Qualquer criador é um autor? Como conceber o ato de criação? O que há de individual ou de coletivo em uma criação? Qual criação é tida por uma obra? Quais os limites daquilo que consideramos uma obra? Em suma, ao investigar a noção de “autor” e de “obra”, Foucault cumpre com aquela que é a tarefa por excelência do filósofo desde a Antiguidade grega: ele torna problemático aquilo que antes parecia simples demais.

Mais do que um interesse direto pela questão literária ou artística, a atenção de Foucault está voltada, sobretudo, para o estudo das modalidades de existência dos discursos, incluindo também os discursos científicos, filosóficos e muitos outros. Para Foucault, “os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam com cada cultura e modificam-se no interior de cada uma” (Foucault, 1992, p. 68-69). Sendo assim, Foucault conecta o problema das noções de “autor” e de “obra” a um quadro mais amplo, abordando as formas de criação e circulação de discursos e as práticas de constituição da subjetividade.

Nesse quadro, o autor funciona como um procedimento de ordenação, característico de certo modo de ser do discurso. Nem sempre e nem todos os discursos organizam-se em função do autor. Ainda que não se possa negar “a existência do indivíduo que escreve e inventa” (Foucault, 1996, p. 28), não devemos confundir o mero fato de haver um indivíduo criador com a função desempenhada pelo autor na circulação e no funcionamento de certos discursos no interior de uma determinada sociedade. Assim, a função autor não se define pela

“atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor” e também “não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real”, pois pode, ao contrário, “dar lugar a vários ‘eus’ em simultâneo, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem ocupar” (Foucault, 1992, p. 56-57).

O autor moderno, entendido como o gênio original, marcado pela singularidade do pensamento e a expressão da interioridade, é simplesmente uma dessas posições-sujeito emergentes no interior de determinada configuração histórica e social, conferindo ao indivíduo uma função específica como “criador”. Durante milênios, a própria tradição europeia tinha reservado outras posições aos indivíduos criadores, ressaltando o caráter coletivo, fragmentário e aberto das criações intelectuais. Na tradição medieval, por exemplo, não há propriamente “autores” ou “obras” no sentido moderno do termo, sendo a cópia manuscrita e a criação intelectual mescladas em um mesmo processo em que vários textos, de origens e épocas diferentes, eram colocados juntos e comentados livremente pelo leitor/copista/escritor (Manovich, 2004, p. 249; Chartier, 1998, p. 32).

Dos ateliês medievais, das produções tradicionais e das práticas coletivas e anônimas da escrita popular somos conduzidos por volta do século XVII em direção a uma nova ortopedia da criação, concebida como um trabalho individual, pretensamente solitário, que tem sua fonte no gênio do autor (Mortier, 1982, p. 138). A criação intelectual coletiva e colaborativa passa a ser, de maneira geral, mal vista, como se apenas na solidão a genialidade e a originalidade do pensamento pudessem emergir em toda sua força e intensidade. No trabalho colaborativo, entende-se, a força criativa individual seria enfraquecida, assim como ficariam comprometidos o acabamento da obra e a unidade estilística. Isso explica, em parte, o descaso em relação às tradicionais formas de produção e reprodução da cultura popular, geralmente coletiva, aberta e de natureza eminentemente performática. Aqueles que se dedicavam a esse tipo de produção cultural, que, certamente, não deixou de existir, passaram a ser considerados, do ponto de vista da alta cultura, autores menores, com pouca criatividade ou imaginação limitada. A coletividade, ao invés de contribuir para a conformação de uma obra, comprometeria o processo criativo, limitando e deformando a expressão do gênio criador. Em suma, vemos emergir uma nova atitude e valoração: o “*ethos* da autoria singular” (Kewes, 1998, p. 146).

No seio desse processo de afirmação da figura autoral individual, é importante atentar para aquilo que foi excluído, negado ou rejeitado. Essa noção de autoria moderna contribuiu, sem dúvida, para marginalizar diversas experiências criativas ou formas tradicionais de criação baseadas em trabalhos colaborativos. Nesse ponto, a contraposição entre as concepções europeias modernas e aquelas das culturas ditas “tradicionais” ou “folclóricas” é bastante interessante. Menosprezadas e vistas como inferiores, o que encontramos nessas culturas é um sistema bem diverso (por vezes até inverso) de valorização, no qual a coletividade tende a prevalecer muitas vezes sobre o indivíduo. A criação costuma a ser vista como um processo aberto e contínuo do qual todos potencialmente participam, de modo que a contribuição individual tende a ser apagada ou a não deixar rastros claramente identificáveis.

AS NOVAS POSIÇÕES-SUJEITO: UMA ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DA NET ART

Ainda que o indivíduo que cria e produz permaneça sempre existindo, não há dúvida que a figura autoral moderna e sua função nas criações literárias e artísticas vêm sofrendo na contemporaneidade um importante deslocamento. Em grande medida, o novo estado da arte joga luz naquilo que o discurso moderno (com seus gênios solitários e suas obras originais) sistematicamente ocultava: o caráter interativo, fragmentário, aberto e cooperativo da criação artística. As mudanças, em especial aquelas impulsionadas pela *internet* e pelo meio digital, caminham paradoxalmente no sentido de reavivar antigas práticas de criação intelectual.

Nesse cenário, o papel do autor muda radicalmente: o artista eletrônico não se confunde com o autor-gênio da alta cultura europeia moderna. Trata-se mais exatamente de um editor ou agente, ou seja, alguém que disponibiliza, faz circular, estabelece os contornos e dá partida a uma construção comum. Também a fronteira entre o criador e o público perde sua nitidez: ao invés de ser recebida por um consumidor passivo, a “obra” é tornada flexível, aberta, sendo apropriada e complementada por um público ativo. Assim como na cultura manuscrita medieval, a navegação na internet é também uma prática conjunta de leitura, recortes, cópias, colagens e acréscimos, mas agora com ferramentas mais poderosas que atingem uma escala global e permitem uma intensa interação (Casalegno, 2003, p. 275-276; Serelle, 2006, p. 65).

Ao olharmos para diversas experiências da *Net Art* (chamada também de Arte-Internet, Arte-Rede, *Cyberart* ou *Web-Art*), entendida como a arte desenvolvida para, pela e com a *internet* (e não apenas a arte que está na *internet*), percebemos algumas significativas transformações nas posições-sujeito. Segundo Jean-Paul Fourmentraux, em um estudo dedicado às novas figuras da criação da *internet*: “As diversas criações interativas concebidas para, pela e com a rede contribuem para a emergência de novos modos de cooperação e de novos códigos estéticos, desestabilizando certos fundamentos (o status da obra, do autor e do espectador) e anunciando o nascimento de um novo mundo da arte” (Fourmentraux, 2010, p. 26, tradução minha).

Embora não haja uma unidade na *Net Art*, sendo ela marcada por uma pluralidade de experiências artísticas, é possível destacar algumas características comuns (típicas do ambiente digital), como a computação, a conectividade, a interatividade e a hibridização (entre texto, som e imagem). Além disso, essas novas produções artísticas são geralmente “obras em processo”, “em ato”, eternamente um *work in progress* (*œuvre en situation de travail*). Mais do que “autores” de “obras”, os novos artistas ou criadores funcionam como coordenadores de ações, editores de fragmentos, usuários/colaboradores, arquitetos de espaços virtuais, mediadores/articuladores, provedores de conteúdo, ou ainda operadores e agentes.

Muitas experiências da *Net Art* colocam em funcionamento um “dispositivo interativo”, entendido como um mecanismo que instaura certas possibilidades de comportamento aos diversos agentes em um processo no qual o “autor” e o “público” interagem e constroem conjuntamente uma “obra”. Como ressalta Fourmentraux, “nesse contexto, o trabalho do(s) autor(es) não consiste mais apenas em produzir imagens, mas também em propor os esquemas que permitirão ver a agir sobre elas”. Nesse sentido, Fourmentraux defende que encontramos na *Net Art* uma “figura aumentada do autor”, na medida em que ele assume diversas outras funções: “de arquiteto, de mediador, de realizador (*metteur en œuvre*), de operador estético e de agente de inseminação” (Fourmentraux, 2010, p. 235-236).

Um exemplo desse tipo de dispositivo, no qual o público pode contribuir e participar de uma obra em constante transformação, pode ser visto no trabalho *Et moi dans tout ça* de Maurice Benayoun, que teve sua primeira versão apresentada na exposição *Kahanamoku and Beyond*, em Sidney na Austrália, em 1995, e sua segunda versão mostrada no Museu de Arte Contemporânea de Lyon em 1997.¹ Neste trabalho, um mapa interativo do mundo é apresentado e cada visitante pode colocar um grão de areia de proporções desmesuradas, de modo que o mundo é modificado por sua presença e intervenção, provocando uma deformação no território. Da mesma forma, percebemos a presença dos outros visitantes e do impacto deles no ambiente, de maneira que temos a experiência de um mundo constantemente modificado pelo modo como ele é vivido por cada um.

Outro exemplo de dispositivo interativo pode ser visto em *Le Générateur poïétique* de Olivier Auber, que foi desenvolvido ainda nos anos 1980 no seio do Centre Georges Pompidou em Paris e desde 1997

1 Disponível em <<http://www.benayoun.com/EtMoi/>>.

está disponível na *internet*, sendo sua última versão de 2012.² Trata-se de um dispositivo marcado pela colaboração conjunta e sincrônica, em que os visitantes podem desenhar com a ajuda de uma palheta gráfica e participar da composição de um mosaico global formado pela justaposição dinâmica de cada contribuição. A ação de cada participante fica visível para todos, no interior de um processo autopoietico do qual emerge permanentemente diferentes imagens coletivas.

CONCLUSÃO

Mais do que declarar a morte do autor, creio que as reflexões de Foucault nos convidam a olhar mais atentamente para os deslizamentos e para as permanentes transformações que o sujeito sofre ao longo da história. Se algumas posições-sujeito desaparecem, como o autor moderno, outras emergem no seio de novas práticas. No que diz respeito ao domínio da produção artística, as mudanças nas experiências criativas forçam incessantemente as fronteiras estabelecidas e colocam por terra noções aparentemente seguras e eternas. Seguindo a pista aberta por Foucault, este trabalho procurou modestamente colocar em questão as transformações sofridas pela figura autoral em algumas criações artísticas contemporâneas.

Como se procurou mostrar, por meio dos estudos de Jean-Paul Fourmentraux e das experiências artísticas pioneiras na *Net Art* de Maurice Banayoun e Olivier Auber, novas posições-sujeito emergem, com novas funções, assim como uma nova concepção de “obra”, mais interativa e aberta, e também uma nova posição para o “público”, que tende a ser mais participativo, quase um coautor. A arte certamente não encontra seu fim, a criação humana também não se extingue, e os sujeitos não morrem simplesmente, como muitas vezes nos querem fazer crer os nostálgicos, amantes de um passado que deixou de ser, ou os pensadores da catástrofe, que só conseguem ver nas mudanças o sinal da decadência e da ruína. Ao invés de esposar esse tipo de postura, é preciso levar a sério o devir, tanto da arte, quanto do sujeito. Eles se transformam, continuamente, exigindo do crítico de arte e do pensador da cultura o esforço permanente de atualização, de problematização das noções herdadas e de compreensão do novo que nunca cessa de nos desafiar, de exigir de nós novos conceitos e um novo olhar.

REFERÊNCIAS

CASALEGNO, Federico. Hiperliteratura, sociedades hipertextuais e ambientes comunicacionais. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (orgs.) *Para navegar no século XXI*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003, p. 273-280.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagem, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

2 Disponível em <<http://play.poietic-generator.net/>>.

FOURMENTRAUX, Jean-Paul. *Art et Internet : les nouvelles figures de la création*. Nouvelle édition revue et augmentée. Paris: CNRS Éditions, 2010.

KEWES, Paulina. *Authorship and appropriation: writing for the stage in England, 1660-1710*. Oxford University Press, 1998.

MORTIER, Roland. *L'originalité: une nouvelle catégorie esthétique au siècle des Lumières*. Genève: Droz, 1982.

MANOVICH, Lev. Quem é o autor?: sampleamento / remixagem / código aberto. In: BRASIL, A. et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004. p. 248-263.

SERELLE, Márcio. Redes Anônimas: aspectos de dissolução do autor no ciberespaço. In: PINTO, Júlio; SERELLE, Márcio (orgs.). *Interações Midiáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-75.